



VOZ DA FÁTIMA

Aos homens novamente aterrorizados, que buscam na noite um raio de luz e de serenidade que aquiete a angústia do seu espírito pelas profundas contradições do presente século, assinalamos-lhes o divino berço de Belém, onde ainda ressoa o vaticínio de uma firme esperança: «Os caminhos torcidos serão endireitados e os escabrosos aplanados» (Luc. 3, 5).

(Da Mensagem de Natal do Santo Padre)

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e Impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXV — N.º 412
13 de JANEIRO de 1957

Avença

Senhora da Caridade

Vibram ainda em nossos corações os ecos sagrados do mistério do Natal, e esse mistério, que é a expressão mais alta da caridade de Deus para com os homens, leva-nos a voltar ao tema antigo e sempre novo — A Senhora da Caridade.

Se Jesus é Deus e se Deus, por ser Amor, é caridade, que há-de ser a Mãe de Jesus, senão também caridade?

Tão grande no mundo foi a caridade da Senhora, que permitindo-o, ajudou a derramar o Sangue do Filho inocente para que nele se redimissem os filhos pecadores.

E no Céu continua a epopeia do Amor. Relembramos a nossa vida, recordamos a vida do mundo, e em cada passo se encontra a presença amorosa da Senhora.

E nós? Que fazemos nós? Fáceis em crer, seremos difíceis em exercer a caridade efectiva, que em palavras temos sempre na boca. Tomaram do Evangelho esta chama e esta semente homens que se proclamam adversários de Cristo e da sua Igreja. Mas só com pregar a doutrina que nós desacreditamos, por não sabermos vivê-la, já eles levam de vencida povos e nações. Mesmo quando a doutrina é vilipendiada por atrocidades sem nome, como agora na Hungria, desprezam-se e talvez se amaldiçoem os autores dos crimes bárbaros, mas a mística da redenção igualitária e equitativa não se apaga.

Somos detentores de tesouros que não fazemos render. Não temos ouro nem prata? Porventura possuía a Senhora riquezas fabulosas ou recursos largos para distribuir pelos pobres?

No sentido material, evidentemente não. Mas riquezas morais, possuía-as em nível superior, como nós, em certa medida, podemos possuí-las.

Recorda-se a cadeia harmoniosa das obras de misericórdia, nos domínios do espírito. Que farta messe de caridade podíamos distribuir, se largo fosse o nosso coração! Não é a mais atroz a miséria física, e para valer à miséria moral todos nós possuimos tesouros incontáveis, se seguirmos o exemplo da Senhora.

Mas, até sob o aspecto material, não poderia ser mais generosa a nossa mão? Pobres somos, mas na nossa pobreza pode encontrar-se o óbolo da viúva, que vale imensamente mais que a esmola larga de quem, dando muito, fica incomparavelmente com mais.

Se conhecêssemos na nossa carne a miséria e privações dos nossos irmãos, talvez fossem menos avaras as nossas mãos. Pede-se, suplica-se instantaneamente, e obtém-se a resposta seca e fria: não podemos dar. Mas, não podendo dar-se para obras de real valia — e que o braço de mais valia do que a vida dos irmãos? — malbaratam-se somas enormes em bagatelas, cujo valor social e até pessoal é tristemente negativo.

Não faltam bens para distribuir, faltam, sim, almas que sintam generosamente como próprias as dores alheias. Se Nossa Senhora foi tão grande em sua caridade, foi-o tão somente porque o seu coração não tem limites.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

Chega ao Japão

uma imagem de N.ª Senhora da Fátima

Dando notícia da chegada duma imagem de Nossa Senhora da Fátima à «Fuji Girls School», de Sapporo, Japão, escreve a Irmã Libória Albers:

A um canto do pátio de recreio da nossa escola, existe uma linda construção, que mais parece um templo. Sobretudo a ele por três degraus; adornam-no lindas colunas de mármore e outras ricas decorações. Até 1945, tal edículo servia para sacrário das efigies de Suas Majestades Imperiais. Era costume e obrigação de todas as escolas e colégios oficializados do país. Os retratos eram dali conduzidos em procissão para o ginásio, onde se lhes prestava homenagem em todas as datas festivas nacionais. Esses retratos guardavam-se em edifício especial, feito de pedra, porque os incêndios são frequentes nas escolas do Japão, geralmente construídas só de madeira, e deixar que as efigies imperiais se queimassem, seria considerado um grande crime.

Depois da guerra, as forças de ocupação americanas aboliram tais costumes, por lhes parecerem demasiado «nacionalistas». Todos os retratos foram confiscados e os templos em que se guardavam obrigatoriamente destruídos.

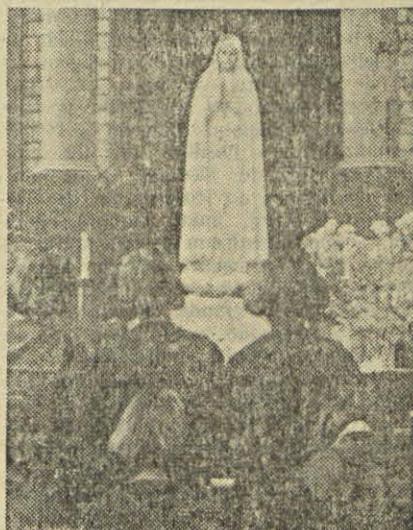
Mas o da nossa escola era muito lindo, presente duma organização de antigas alunas. Por isso nos resolvemos a pedir às autoridades que nos deixassem destiná-lo a outro fim, o que nos foi concedido. Pensávamos quão maravilhoso seria ter uma estátua de Nossa Senhora entronizada naquele santuário e durante nove anos esperámos por um benfeitor que no-la ofertasse. Foi então que lemos numa revista as notícias das graças e das bênçãos que a Imagem de Nossa Senhora da Fátima ia espalhando por onde passava. E escrevemos confiadamente ao Senhor Bispo de Leiria. Com imensa alegria das nossas almas, S. Ex.ª Rev.ª acedeu logo em mandar-nos uma estátua da querida Mãe do Céu.

Foram ainda precisos dois anos para a estátua ficar pronta e fazer a sua longa viagem até Sapporo. Mas que felicidade a nossa, quando pudemos finalmente recebê-la e dar-lhe as boas vindas!

A festa da recepção fez-se no ginásio da escola, o único local onde poderíamos reunir as nossas 2.400 alunas. Colocou-se a imagem ao lado da boca do palco e neste armou-se um altar para a Santa Missa. Depois do Santo Sacrifício, o oficiante fez ver a todas o significado e o alcance da Mensagem da Fátima. Conduzida a imagem processionalmente para a capela das Irmãs, ali ficou durante a noite. Na manhã seguinte, as alunas mais pequeninas vieram esperar Nossa Senhora à porta da capela. As mães dalgumas delas, recentemente convertidas, levaram o andor através das ruas, até ao jardim-escola, acompanhando todas as crianças com ramos de flores na mão. Aqui houve uma nova e solene cerimónia.

Na tarde do mesmo dia, vieram as alunas externas prestar as suas homenagens a Nossa Senhora com orações e cânticos. Seguiu-se uma procissão de velas — melhor dito, de lanternas — pelas ruas da vizinhança, ecoando o canto do AVE por toda a cidade. Muitos pagãos pediram licença para se incorporarem na procissão.

No dia seguinte, a imagem foi conduzida em cortejo para o antigo Santuário Imperial, nos pátios de recreio. Orações e cânticos de novo ressoaram em louvor da Virgem Mãe. Das nossas 2.400 alunas, apenas 200 são católicas. Todas, no entanto, gostam muito de rezar a Maria e de cantar os Seus louvores. Que Ela olhe também por todas com olhos de misericórdia e coadjuve os nossos esforços para fazer delas boas cidadãs, boas cristãs e boas Filhas de Maria.



Os parquianos da Fátima vieram em peregrinação ao Santuário

A exemplo dos anos anteriores, a peregrinação da freguesia da Fátima efectuou-se no dia 8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição.

As cerimónias neste dia tiveram não só o fim de agradecer à Santíssima Virgem o ter-se dignado escolher a terra da Fátima para aparecer aos três Pastorinhos, como também pedir pela Paz do Mundo, e sobretudo pelos cristãos perseguidos nos países dominados pelo jugo comunista, sobretudo na Hungria.

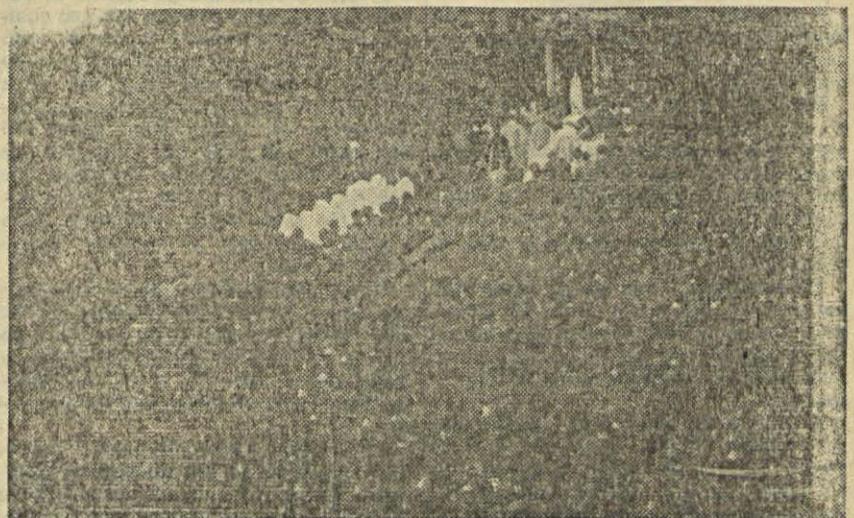
No dia 8, nos Valinhos, ao meio dia, efectuou-se a concentração de todos os habitantes da freguesia da Fátima. Predominavam as crianças das escolas, catequese, irmandades, etc. Viam-se bastantes sacerdotes e seminaristas. No monumento dos «Valinhos» celebrou a missa o Rev. P.º Kondor, professor do Seminário do Verbo Divino, de nacionalidade húngara, que ao evangelho fez uma

homilia sobre a confiança que os seus compatriotas depositam em Nossa Senhora da Fátima para vencer a terrível crise por que estão passando.

Muitos fiéis comungaram e depois da missa organizou-se a procissão, na qual foi conduzida aos ombros a imagem de Nossa Senhora da Fátima. Durante o trajecto dos Valinhos para o Santuário, o povo rezou e cantou.

No Santuário, os habitantes da Fátima receberam a bênção do Santíssimo Sacramento, depois de, diante da imagem de Nossa Senhora, os meninos e meninas terem deposto um ramalhete espiritual de sacrifícios, devoções e boas obras, etc., oferecido em homenagem a Sua Eminência o Cardeal Mindszenty, Primaz da Hungria.

Nestas cerimónias tomou parte um velho de 96 anos, residente no lugar da Amoreira, da freguesia da Fátima.



Colocação da imagem no antigo santuário imperial

A peregrinação mensal de Dezembro

NO findar do ano de 1956 brindou-nos o Céu com dias de sol límpido, confortante para os corpos e também para as almas, pois, segundo princípios de filosofia, da física e da ascética, os seres dilatam-se quando o ambiente externo os liberta de violências cujos reflexos incidem no foro interno.

O astro-rei dardejava os seus fulgores no firmamento sem nuvens, quando o povo reunido em redor da Capela das Aparições, sob a presidência de Mons. Dr. Marques dos Santos, dava início ao primeiro acto oficial desta romagem de 13 de Dezembro — a reza do terço. Depois organizou-se o grande cortejo que levou a veneranda Imagem de Nossa Senhora para a Basílica, onde foi celebrada a Missa dos Doentes. É no interior da Basílica do Rosário que de Novembro a Abril, muito embora esteja bom tempo, se realizam os actos litúrgicos da peregrinação mensal. Mercê de motivos diversos, neste mês a concorrência dos fiéis não foi grande. Porém as imediações do sagrado recinto estão hoje de tal modo povoadas, mormente de Seminários e Comunidades Religiosas, que todas as cerimónias se revestem de singular magnificência pela presença de numeroso clero, de centenas de seminaristas — Seminários Diocesanos de Leiria e Fátima, das Congregações Missionárias da Consolata, do Verbo Divino, dos Monfortinos e Dominicanos, tendo estes últimos o Noviciado e os estudos filosóficos no seu Convento da Fátima.

Celebrou a Missa oficial Mons. Dr. Marques dos Santos. Ao Evangelho, o Rev. P.^o João Ferreira, O. F. M., do Convento da Portela, de Leiria, tomando para tema da sua pregação a origem eterna do Verbo — «*In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum...*» (Jo., I, 1) — pairou largo tempo nas cumeadas da perfeição, a caridade, cuja ausência traz à sociedade contemporânea profunda inquietação. Deixam os homens de construir na base granítica da perfeição, — os dez Mandamentos —, despezam a Lei Divina que em duas linhas luminosas traça a cúpula de uma vida perfeita — os dois Mandamentos do Amor de Deus e do Próximo, em que todos os outros se cifram — e eis-nos face a tremendas convulsões em que tudo é ruinosamente sacudido — os fundamentos da moral e do direito, a constituição dos povos, as recônditas vias da consciência. E o espírito humano não aquietou, nesta trajectória que o furta a Deus. É que todo aquele que quiser realizar-se, fugir à banalidade e à derrota, tem de basear-se na lei das alturas! — trabalho activo, construção positiva de um ideal de per-

eição que não pode quedar-se na parte negativa. Se a alma é vida, é força, não pode fixar-se na «morrinha» da inactividade, mas erguer-se na concretização activa do seu pensamento. Não apenas fugir do mal, mas operar o bem. O primeiro fruto do bem prova-o quem o realiza — a paz! Muitos a desejam, muitos se afastam dela, muitos, uma inumerável multidão, vive privada de seus benefícios. Nos campos gelados da Sibéria, nas cidades demolidas da Hungria, há dramas pungentes e não acha tréguas a tribulação, porque os valores espirituais sucumbem, heróicos, desprezando a vida, derramando o próprio sangue, esmagados pela força de músculos e de metralha, nunca vencidos pela ideologia tirânica dos sem-Deus. Largo campo se abre ao apostolado do que tem, para benefício do que não tem.

Dá-nos Deus o poder de opção — optar é escolher entre o fácil e o difícil. Esse poder de opção é, para o homem recto, um risco — linha recta do dever em função do termo. O homem com o poder de opção está em risco, ou de vencer, ou de falir!

Hoje fala-se muito em paz, mas nunca a terra foi tão perturbada como nos nossos dias. Há até Congressos chamados de Paz, e dia a dia mais se adensam as nuvens que toldam o horizonte das Nações. Que confusão! É que apenas à tranquilidade na ordem se pode chamar paz, paz de Cristo! E a humanidade vive na desordem porque despreza Cristo! Jamais a foice e o martelo podem ser símbolos de paz. Numa interpretação natural, a foice recorda a destruição — ceifa vidas! — e o martelo traz-nos à mente o massacre de inocentes implantado por toda a parte pela ideologia comunista.

Sobre a Gruta de Belém os Anjos cantaram a Paz por Deus dada aos homens de boa vontade. Ao Santuário da Fátima a Mãe de Deus vem trazer ao mundo convulso a mesma Mensagem de Paz.

Os povos que vivem na paz são felizes, por poderem espriar a alegria de serem filhos de Deus.

No final da Santa Missa, o Celebrante conduziu a Sagrada Eucaristia para a Bênção individual aos enfermos. A umbela pegava um sacerdote brasileiro, Rev. P.^o Pedro Maciel Vidigal, de Nova Era, Minas Gerais. Deputado, Membro da Comissão de Finanças da Assembleia Legislativa do referido Estado do Brasil, S. Rev.^a fora Delegado pelo seu país à 9.^a Conferência Geral da Unesco, realizada na Índia, em Nova Delhi, de 5 de Novembro a 5 de Dezembro. Comemorando em 30 de Novembro as bodas de prata da sua Ordenação sacerdotal, quis o ilustre sacerdote passar esse dia em

Roma, onde teve audiência particular com o Sumo Pontífice. E a sua presença na Fátima entrava também no programa dessa comemoração jubilar, tendo vindo impetrar as bênçãos da Mãe de Deus para a sua actividade religiosa, social e política em Terras de Santa Cruz. Nas suas digressões pelos Estados da Índia, pôde S. Rev.^a verificar a impermeabilidade desse povo à evangelização religiosa do Ocidente. As primitivas superstições pagãs patenteiam-se no instintivo culto que deprime esses espíritos ainda subjugados a aviltante regime de castas, e que os aniquila em adoração perante um mísero macaco, uma corpulenta vaca, um manipão, que ali figura Buda, Siva ou Visnú. No Sul a influência de Goa é poderosamente manifesta num vastíssimo raio de evangelização mantida por séculos. Tal influência faz-se sentir, ainda que fracamente, no centro do império; mas ao Norte do mesmo não aparece qualquer vestígio do Cristianismo. Um facto, porém, confunde o observador católico, ao ver que um pagão — Vinõbã Bhavê — conseguiu entre pagãos o que reiterados apelos de Pio XII, Vigário de Cristo na Terra, não conseguiram no meio dos católicos. Efectivamente Vinõbã Bhavê é a encarnação da reacção indiana contra a infiltração comunista. Vendo o perigo que Moscovo levava ao Oriente, esse homem fez-se pioneiro de nova doutrina e percorreu duas vezes toda a Índia pregando a reforma social, principalmente a reforma agrária por meios pacíficos — pela não violência. E a sua palavra persuasiva já conseguiu a doação de quase quatro milhões de acres de terra, pelos rajás e marajás, à classe pobre. Assim se neutraliza a força demolidora do comunismo, que em países oficialmente cristãos adquire dia a dia mais funesta virulência, mercê de egoísmos que bradam ao céu, enquanto aguçam as cobiças e as paixões da terra.

Depois de todos os peregrinos terem desfilado, rezando e cantando o «Adeus» — nostálgica melopeia colhida por um sacerdote português na cidade de Jerusalém — fere-nos o espectáculo desses penitentes que circulam, de joelhos, em volta da Capelinha cumprindo penosas promessas. Desta vez, entre homens e mulheres devotas que assim expandem sua devoção, caminha descalço, pés mimosos e bem trajado, um rapaz que desfia silenciosamente o terço. A mocidade corajosa que assim exterioriza a força da Fé pode, aos olhos de Deus, operar na esfera espiritual maiores prodígios que esses que está alcançando política e socialmente Vinõbã Bhavê em terras do Oriente.

Visconde de Montelo

Nossa Senhora é Mãe de todos

Pelo seu real interesse, publicamos quase na íntegra uma carta recebida de Quelimane, Moçambique, datada de 10 de Agosto de 1956. Nela se faz referência a um caso já dado a conhecer na «Voz da Fátima», de há 2 anos (n.º 388, Janeiro de 1955) e se desenvolve a resumida notícia de então.

Pede-me o Senhor Parshotam Mulji para enviar um cheque da importância de mil escudos, que ofereça a Nossa Senhora da Fátima em acção de graças pelo nascimento de um filho.

O Senhor Mulji é súbdito da União Indiana e residente nesta cidade há muitos anos, aonde é importante comerciante, e não sendo católico, é, contudo, um crente fervoroso de Nossa Senhora da Fátima.

Tal crença em Nossa Senhora da Fátima mais se radicou no seu espírito, depois que, tendo em 1953 ido a Portugal por motivo de saúde e de negócios da sua firma, assistiu na noite de 12 para 13 de Outubro desse mesmo ano, na Cova da Iria, à procissão das velas, cuja demonstração de Fé o deixou verdadeiramente estupefacto.

Nessa ocasião implorou à Virgem uma graça: que lhe concedesse um filho varão, pois até aí quantos filhos lhe nasciam eram todos do sexo feminino, e, segundo a tradição indiana, não asseguram a continuidade da obra dos pais.

Nossa Senhora da Fátima ouviu o rogo que com tanta fé lhe fez o Senhor Mulji, pois dois meses depois lhe concedia a graça de lhe nascer o seu primeiro filho varão. E para que não houvesse dúvidas, tal facto verificou-se no dia de Natal de 1953. Simples coincidência? A Virgem nada determina ao acaso e depois do que acabo de narrar, não custa acreditar que o ter-se verificado o nascimento do primeiro filho varão do Senhor Mulji no dia de Natal — o dia mais solene de todo o Mundo — foi para demonstrar a este estrangeiro, súbdito da União Indiana, de religião e de civilização absolutamente diferentes das nossas, o Seu Alto Poder.

Assim o compreendeu o Senhor Mulji, que louco de contentamento me pediu para enviar a nossa Senhora da Fátima um donativo de mil escudos, o que fiz oportunamente.

Decorridos dois anos e meio sobre o nascimento do primeiro filho varão, eis que no passado mês de Julho nasce o segundo.

O Senhor Mulji exulta de alegria, e a sua já grande Fé em Nossa Senhora da Fátima parece não ter limites. De novo me incumbe de enviar novo donativo de mil escudos, que ofereça como penhor da sua devoção a Nossa Senhora da Fátima.

Devo acrescentar que a Esposa do Senhor Mulji, também indiana, é igualmente uma fervorosa crente na Virgem Nossa Senhora da Fátima, e na sua sala de visitas pode ver-se a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, devidamente emoldurada, em lugar de destaque.

Acrescentarei ainda que, durante o período da gravidez, sentiu-se a esposa do Sr. Mulji bastante incomodada, e por mais remédios que tomasse, receitados por um distinto médico, não havia forma de sentir qualquer alívio. Sugeriu-lhe minha mulher que tomasse um copo de água de Nossa Senhora da Fátima, ao que ela acedeu prontamente, sem qualquer espécie de relutância ou descrença. Foi minha mulher que lhe cedeu a água, pois tinha em casa um garrafãozinho dela que sua mãe lhe havia enviado. Pois acabou de beber um copo dessa água, e como que por encanto, o seu sofrimento desapareceu imediatamente.

Será tudo mais um milagre da Virgem Nossa Senhora da Fátima, para demonstrar a estrangeiros, de religião e de civilização diferentes das nossas, o seu Alto Poder?

F. S. P.

Peregrinos brasileiros

Durante dois dias estiveram no Santuário o Rev. P.^o Inácio Lezama, religioso beneditino, e o Sr. Luís Alberto de Barros, de São Paulo, Brasil, que vieram ao nosso País, mandados pelo Cardeal de S. Paulo, a fim de estudarem o funcionamento da Obra dos Rapazes da Rua, fundada pelo saudoso Padre Américo.

Pacheco de Amorim

CRÓNICA FINANCEIRA

Segundo a *folha agrícola* do Instituto Nacional de Estatística, a produção nacional de trigo, no ano findo, foi de 5.678 milhares de quintais: mais 12% do que no ano passado e mais 7% que a média dos últimos dez anos.

A produção de centeio foi de 1.514 milhares de quintais: mais 14% que no ano passado e menos 7% que a média do último decénio.

Para os cereais praganosos em geral, o ano correu bem. Não obstante, é visível que as culturas destes cereais, com excepção do trigo, tendem a diminuir, porque sendo as colheitas do ano passado superiores às do ano anterior, todas foram inferiores às colheitas médias do último decénio.

Pelo contrário, a cultura do milho está em ligeiro progresso. A produção global do ano findo foi de 6.250 milhares de hectolitros: mais 7% do que no ano passado e mais 14% em relação à média do último decénio.

A cultura da batata está estabilizada. A produção global deste ano foi de 10.506 milhares de quintais: menos 3% em relação ao ano anterior e menos 1% em relação à média do último decénio.

A produção do arroz é muito significativa. No ano findo, foi de 1.684 milhares

de quintais: menos 8% do que a colheita anterior e mais 41% que a produção dos últimos dez anos. Quer dizer que teremos superabundância de arroz, apesar de o Sr. Ministro da Economia lhe ter baixado o preço. O arroz é hoje comida de pobres e o seu preço deve ser tal, que equilibre a produção com o consumo, visto que só se pode exportar por preço muito inferior ao do custo, quer dizer, com perca para o país, paga pelos portugueses consumidores de arroz. Não pode ser! Fez muito bem o Sr. Dr. Ulisses Cortez em lhe baixar o preço, e esperamos que Sua Ex.^a continuará com esta sábia política, tão sábia, como precipitada foi a seguida pelos seus antecessores com o preço da batata.

Para o grão de bico também o ano correu bem. A produção passada foi de 229 milhares de hectolitros: mais 1% do que no ano anterior e mais 7% do que a média dos últimos dez anos. A produção deste legume também está em progresso.

Para o feijão o ano correu mal. A produção global foi de 646 milhares de hectolitros: menos 10% que no ano anterior e mais 2% que a média do último decénio.

Quanto ao azeite, há uma anomalia curiosa. A Junta Nacional do Azeite

forneceu ao Sr. Ministro das Finanças, para o notável relatório da proposta da Lei de Meios, o número provável de 650.000 hectolitros para a produção de azeite da safra em curso: menos 13% do que no ano anterior e menos 15% do que no último decénio. A *folha agrícola* do Instituto Nacional de Estatística de 10 de Novembro último, diz: «Os olivais continuam com bom aspecto e, em alguns casos, com produção excepcionalmente abundante como, por exemplo, na região de Lamego. Apesar de ter caído bastante azeitona durante o mês (Outubro) e de se estar num ano de contra-safra, calcula-se que a produção de azeite venha a ser superior à do ano passado».

Comparando a previsão da Junta Nacional do Azeite (menos 13% do que no ano passado) com a do Instituto Nacional de Estatística (mais 18% do que no ano passado), vê-se que a Junta continua pessimista. É bom que os lavradores que produzem azeite não percam de vista este pessimismo, que lhes pode ser muito prejudicial.

Para o vinho é que o ano correu mal: menos vinho e muito pior, tanto em qualidade como em gradação. Em algumas regiões vinhateiras está-se a vender a rastos de barato, com medo de que se estrague. Quem o tiver bom, guarde-o.

GRAÇAS DOS SERVOS DE DEUS

FRANÇISCO

Francisco António Xavier, Barreiros, escreve: «Em Setembro do ano passado (1952), fui operado num Hospital de Lisboa; dois meses depois do meu regresso a casa, encontrei-me muito mal; lembrei-me então de fazer uma promessa ao Servo de Deus Francisco. Se eu melhorasse no espaço de cinco dias, publicaria a graça e enviaria 20\$00 para ajuda da sua beatificação. Como terminado tal prazo fiquei completamente bom, venho cumprir o que prometi, dando graças a Deus, à Santíssima Virgem e ao seu querido Pastorinho».

D. Maria Rosa Figueira dos Anjos, Bunheirão, havia 10 anos que não tinha notícias de seu marido ausente no Brasil; recorreu ao Servo de Deus Francisco Marto, a pedir-lhe a graça de receber notícias e, vinte dias depois, recebeu uma carta em que ele prometia continuar a dar notícias. Em agradecimento, rezou uma novena de terços e ofereceu 20\$00 para a causa de beatificação.

Agradecem graças e enviam esmolas

- D. Virginia A. de Oliveira, Vila Verde, 20\$00
- D. Lucinda Teixeira Fortuna, Gaia, 40\$00
- Joaquim Moreira dos Santos, Sever, 20\$00
- D. Ruth Ferraz Ferreira Fontes, Toledo
- D. Olímpia da Silva Veiga, Tondela, 20\$00
- D. Maria do Carmo Viegas Gago, Estoi, 40\$00
- D. Amélia de Jesus Rocha, Angra, 20\$00
- D. Maria das Dorcas Pereira da Cunha, L. da Palmeira, 25\$00
- Francisco, Penamacor, 10\$00
- D. Maria do Rosário Sousa Costa, S. Miguel, 10\$00
- D. Generosa Fraga, Ruiães, 30\$00
- D. Cândida Valente Batoque, Ruiães, 50\$00
- António de Sousa Campos, Mondim da Baste, 25\$00
- D. Maria da Conceição Medeiros, Angra, 20\$00
- Rosalice e Expedito C. Silva, Bahia, Brasil
- D. Maria da Purificação Santos, Tronco, 20\$00
- D. Adelina Mourão, Codeço, Boticas, 25\$00
- D. Carlota Araújo, Braga, 40\$00
- D. Aida da C. Machado C. Valério, P. Delgada, 70\$
- D. Maria do Carmo Machado, Porto, 20\$00
- D. Maria de L. Viana C., Lagoa, 100\$00
- D. Matilde Georgina de Abreu, Madeiros, 25\$00
- D. Jerónima Celestina da C., V. F. das Naves, 30\$00
- D. Amélia Martins, V. F. das Naves, 10\$00
- D. Irene Martins, V. F. das Naves, 20\$00
- D. Maria Luciana, Fuzeta, 20\$00

JACINTA

D. Maria Dulcineia de Almeida, Professora oficial, Gaia, escreve: «No dia 1 de Julho de 1941, fui acometida de um ataque de paralisia facial esquerda, notando-se um leve desvio do lábio superior. No dia 2 repetiu-se o ataque, ficando com a boca ao lado. Estava a reger a 2.ª e 4.ª classes. Com muita dificuldade amparei os meus alunos até ao dia do exame. Fiquei tão desfigurada e com tanta dificuldade na dicção, que não podia pronunciar as palavras em que entrassem certas letras. Dificilmente me alimentava, pois tudo me caía para fora da boca. No dia 3, tive novo ataque. Uma pessoa amiga trouxe-me o livrinho «Jacinta». Li, pedi, e a graça não se fez esperar, com promessa de a publicar no jornal «Voz da Fátima». As injecções que o médico me receitou, estão intactas. No dia 1 de Outubro do mesmo ano, entrei no exercício das minhas funções, curada, como hoje me encontro, graças à Mãe do Céu, por intercessão da Serva de Deus Jacinta Marto. Já fui à Fátima agradecer a graça, que considero milagre, visto que a cura se tem mantido durante doze anos...»

- D. Belmira Teixeira Vilas Boas, R. de Janeiro, 50\$00
- D. Maria de Jesus Teixeira, Porto
- D. Aida Barros C. Lopes, Murça, 50\$00
- D. Paula Maria Gonçalves, Cerva, 20\$00
- Francisco da Silva, D. Bolida, 20\$00
- D. Albertina Soares Ferreira, 50\$00
- D. Glória Amaral do Nascimento, Gouveia, 10\$00
- Luís Tavares Couros, Salreu, 20\$00
- D. Margarida Martins, Estremoz, 10\$00
- D. Donatila Rosa de C. Moreira, Leça da Palmeira, 20\$00
- José Marques Pinto, Canidelo, Gaia, 10\$00
- D. Carolina T. dos Santos, Burgo, Arouca, 10\$00
- D. Maria Silveira Bettencourt, Horta 50\$00
- Capitão Mário Campos, Ribeirão, 100\$00
- José Serra, Ribeirão, 10\$00
- D. Angelina de Freitas Miranda, Guimarães, 20\$00
- D. Neuza de Mendonça T. de Almeida, S. Pedro do Sul, 10\$00
- D. Julieta Pinto Leite, Porto, 50\$00
- D. Ana C. Pereira dos Santos, Águeda, 20\$00
- D. Maria Henriques Mingocho, Coimbra, 20\$00
- D. Júlia de Serpa da Costa, Porto, 100\$00
- D. Amélia Oliveira Duarte, Lisboa, 10\$00
- D. Maria da C. F. Homem, Lisboa, 20\$00
- D. Cecília Soares, Canelas, 20\$00
- D. Maria Angélica Martins, Canelas, 10\$00
- D. G. Teixeira Guedes, Armamar, 20\$00

Marinheiros de diversos países na Fátima

Durante a última quinzena de Novembro, estiveram, por 3 vezes, na Cova da Iria, marinheiros canadianos, ingleses e americanos, que faziam parte das tripulações dos diversos navios de guerra que passaram pelo porto de Lisboa.

Os marinheiros canadianos, em número de 150, assistiram à missa na Capela das Aparições celebrada pelo capelão de bordo. Alguns oficiais e marinheiros comungaram e visitaram os locais históricos de Aljustrel e Valinhos.

Os marinheiros americanos vieram à Cova da Iria em diversos grupos, nos dias 27, 28 e 29. Ao todo eram mais de 1.000 entre oficiais e marinheiros. Nos três dias houve missas na Capela das Aparições, celebradas pelos capelães dos navios de guerra.

No dia 28, o Rev. P.º Philip P. Shannon, capelão de porta-aviões «Forrestal», administrou o Baptismo a 4 marinheiros: Harold Michael Smith, de Los Angeles, Chester Thomas Hovermale, de Berkley Springs, Ronald Matthew Wing, de Thompsonville, e Lucien Nowtell McConnell, de Memphis. Antes da cerimónia, os neófitos abjuraram do protestantismo. Foram padrinhos do baptismo 4 marinheiros colegas dos neófitos.

O P.º Shannon celebrou missa na Capela das Aparições, a que comungaram muitos oficiais e marinheiros. Todos passaram pela Basílica, onde oraram junto do túmulo dos videntes Jacinta e Francisco.

No dia 25 estiveram 100 marinheiros do navio holandês «De Runter». O capelão de bordo celebrou missa vespertina a que comungaram alguns marinheiros.

PRELADO DO EQUADOR

Visitou o Santuário S. Ex.ª Rev.ª Sr. Dom Domingos Comim, Vigário Apostólico de Mendez, no Equador. O Prelado celebrou missa na Capela das Aparições e visitou a Basílica, onde orou nos túmulos dos videntes Jacinta e Francisco Marto.

MISSA NOVA

O Rev. P.º Adelino Marques, natural do Lourçal do Campo e ordenado no Seminário de Coimbra, celebrou a missa nova na Basílica no dia 5 de Dezembro.

Estátua de mármore para o nicho da torre

Como se sabe, está a ser esculpida no mais fino mármore de Carrara, pelo Rev. P. Tomás McGlynn, O. P., subsidiado pelos fiéis norte-americanos.

Na sua última carta, escrita de Pisa, Itália, onde trabalha, dá esperanças de a estátua ficar pronta para ser inaugurada no dia 13 de Maio próximo, 40.º aniversário da primeira Aparição.

A estátua é do Imaculado Coração de Maria, como os Pastorinhos viram Nossa Senhora na Aparição de Junho. Se derem bom resultado os trabalhos iniciados nesse sentido, os adornos do manto, o cordão, o globo e a estrela serão de ouro puro, recolhido também entre os devotos da América.

«Levantou-se por si...»

O Sr. Caetano de Matos Vieira, grande proprietário de Monsul, Póvoa de Lanhoso, estava a assistir à sua vindima. Sentado numa pedra, mudou-se para um tronco carcomido e incómodo; depois mandou vir uma cadeira de sua casa, ali perto.

Quando se quis levantar não podia; chamou para o ajudarem; de pé, não podia mover-se. Levaram-no dois homens na cadeira para casa; mas, receoso de subir as escadas, com medo de que partisse a cadeira (ele pesava mais de 100 quilos), chamou mais homens para o auxiliarem. Não se movia para se deitar; não se voltava na cama. Imóvel permaneceu uns seis dias.

O seu Pároco, Sr. P.º Acácio António da Silva, chegado no dia 13 de Outubro, celebrou uma missa anunciada pelas melhoras do seu paroquiano e amigo.

Este, terminada a missa, sem saber como, e sem o esperar, levantou-se por si, sem o menor custo. Atribuiu este favor a Nossa Senhora da Fátima, de quem é muito devoto e à qual tinha oferecido um altar na sua igreja paroquial.

P.º Alves Pinheiro

Já não é verdade que cada cidadão da U.R.S.S. pode praticar a sua religião no rito que lhe aprouver, pois os católicos de rito oriental foram privados deste direito por diversas manobras, sobretudo nas províncias anexadas à União depois da última guerra mundial, a Galícia ocidental e a parte oriental da Checoslováquia, ao sul da cadeia dos Cárpatos. A seguir à detenção simultânea dos cinco bispos rutenos da Galícia ocidental, a 11 de Abril de 1945, e ao assassinato do bispo católico da Subcarpátia, Monsenhor Romza, a 27 de Outubro de 1947, o governo soviético não hesitou em declarar suprimida a numerosa comunidade católica de rito oriental, oficialmente unida à Sé Romana desde o fim do século dezasseis. Naturalmente, não se solicitou o assentimento dos fiéis, que guardaram no fundo do coração a sua afeição ao Papa de Roma; bastou a apostasia de certo número de sacerdotes arrastados por alguns chefes. Todas as igrejas e capelas foram entregues pelo governo soviético ao clero da Igreja nacional russa, ao passo que os fiéis foram considerados pelas autoridades civis como tendo aderido àquela igreja, o que permitiu inquietá-los, se queriam frequentar as igrejas latinas, e perseguir, por proselitismo, os sacerdotes latinos que se arriscassem a administrar-lhes os sacramentos.

CONTRA OS CATÓLICOS DE RITO ORIENTAL E LATINO

O que aconteceu na Galícia deu-se, três anos e meio mais tarde, na Roménia, onde, a 28 de Outubro de 1948, foram presos seis bispos católicos de rito oriental. Mesmo se vários sacerdotes encarcerados foram soltos recentemente, nenhum dos que pertencem ao rito oriental foi autorizado a exercer o seu sacerdócio, ao mesmo tempo que três bispos sobreviventes

Homilia do Senhor Cardeal Tisserant

(CONTINUAÇÃO)

(três morreram na prisão) ficaram totalmente impedidos de administrar as suas dioceses. Também na Eslováquia, os dois bispos católicos de rito oriental foram encarcerados, e a catedral de Presov e o paço episcopal foram entregues a um prelado dissidente, vindo da Rússia. Os sacerdotes diocesanos estão encarcerados ou dispersos na clandestinidade.

O governo da nova Polónia consentiu na transferência, para além fronteiras, de todos os católicos de rito oriental. Graças a esta última decisão, o governo de Moscovo pode gabar-se de ter concluído a destruição da organização católica de rito oriental nos países eslavos, imitando, com brutalidade sem igual, os czares que perseguiram os católicos de rito oriental até reduzi-los a nada nas zonas orientais polacas que lhes couberam nos desmembramentos da Polónia no final do século dezoito.

O Patriarcado de Moscovo felicitou-se radiantemente, pela hecatombe das comunidades católicas de rito oriental. Parece claro que o governo soviético, desembaraçando-se dos católicos que rezam com as mesmas fórmulas tradicionais do seu clero e fiéis, quis pagar serviços prestados fora da Rússia à propaganda bolchevista no Próximo-Oriente e junto das populações muçulmanas, a quem se pôde afirmar que as autoridades civis moscovitas favorecem as organizações religiosas francamente leais ao regime.

Eis, caríssimos Irmãos, como se realizou até ao presente a revelação profética de 13 de Julho de 1917. Os católicos de rito oriental, em número

de vários milhões, privados das suas igrejas e dos seus padres; os católicos de rito latino ameaçados pelo afastamento de alguns padres protegidos pelos governos ateus dos seus países; a organização hierárquica mais ou menos destruída na China e no norte do Vietnam — eis as perseguições que Maria anunciou viriam a dar-se, se os bons recusassem ouvir os seus apelos.

QUANDO EM PORTUGAL SE REALIZOU O MILAGRE...

Muitos de vós, meus Irmãos, ouvindo narrar os golpes recebidos pela Igreja católica na Europa oriental, terão pensado no que se passou em Portugal nos primeiros anos do presente século, quando, após um primeiro período de anticlericalismo no decurso do século precedente, as leis de perseguição contra os Institutos religiosos recrudesceram de vigor logo a seguir à proclamação da República. Também os vossos bispos foram expulsos das suas dioceses, e, sob o regime de uma Constituição que declarava inviolável a liberdade de consciência, e garantia o livre exercício de todos os cultos, conhecestes a aplicação de todas as medidas que os sectários aplicam não importa onde, desde que cheguem ao poder: ruptura das relações com a Santa Sé, separação da Igreja e do Estado, encerramento dos estabelecimentos eclesiásticos. O inspirador das vossas leis anticlericais de há quarenta e cinco anos não dizia que havia de acabar com a religião católica em Portugal dentro de duas gerações?

Efectivamente, a influência dos governos sectários e das suas leis não

tardou a fazer-se sentir. Pelo menos em certos meios, a degradação moral foi de natureza a inquietar os homens do poder. E nada parecia poder deter o resvalamento, quando a Virgem se dignou aparecer na Fátima. Quando a 13 de Outubro de 1917, se realizou o milagre do sol, estava Portugal nas vésperas de uma campanha de eleições municipais. Imediatamente se produziu um sobressalto, apesar de a notícia ser, muitas vezes, acompanhada de comentários sarcásticos, e houve uma notável regressão do número de votos concedidos aos candidatos conhecidos pelas suas ideias anti-religiosas. Estes não hesitaram, aliás, em tornar a Santíssima Virgem responsável pelas suas derrotas. Graças, porém, à própria publicidade que lhe fizeram os inimigos da Igreja, a Cova da Iria tornou-se, cada vez mais, um ponto de atracção incomparável.

As peregrinações do dia treze de cada mês agruparam multidões cada vez mais consideráveis. Os que nelas participaram por simples curiosidade, depois de se terem afastado de Deus, tomavam o caminho do regresso; os tímidos transformavam-se em piedosos, e os bons em apóstolos. A elevação da moral individual e social afirmou-se suficientemente depressa para que, desde mil e novecentos e dezoito, a maior parte das decisões anti-religiosas se conseguissem abolir sem perturbação. Foi necessário, sem dúvida, que vários anos passassem antes que o número sempre crescente das conversões individuais permitisse a instauração de um governo estável; mas o facto de a transformação da opinião pública ter sido possível sem choques e de a situação política se ter modificado sem efusão de sangue deve considerar-se verdadeiro milagre.

Continua

Mensagem de Amor Rússia, Terra Mariana

8. As Grandes Palavras de Ordem

Não chegaríamos a dizer tudo, nem mesmo o principal, sobre os esforços de Maria para arrancar o mundo ao pecado e aos seus efeitos, se omitissemos as importantes palavras de ordem de 13 de Outubro. Ei-las:

Venho dizer aos homens

— que se arrependam dos seus pecados;

— que mudem de vida;

— que não ofendam mais a Nosso Senhor, que já está muito ofendido;

— que rezem o terço todos os dias.

Nossa Senhora, na Fátima, inculcou o ódio ao pecado. Ora este ódio deve produzir os seus frutos.

Visto que, pelo pecado mortal, o pecador se desviou de Deus, para se entregar ao objecto da sua paixão, e assim deu a morte à alma, é preciso agora que, por um movimento inverso, se desligue da criatura e se volte para Deus, seu Criador e seu Pai, e recobre desse modo a vida sobrenatural, a graça perdida.

Este movimento de retorno chama-se penitência cristã, ou vida cristã, e dele depende a salvação. Nossa Senhora da Fátima marca-lhe luminosamente os passos, quando diz: «Venho dizer aos homens que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados».

O arrependimento é o primeiro passo para o regresso: «Pai — geme o filho pródigo — pequei contra Vós e contra o Céu!»

E sabemos o resultado: ansiedade e beijo do Pai, que aperta ao peito, com indizível alegria, o filho perdido e agora encontrado.

Já disso nos tinha o Espírito Santo dado a certeza nos Salmos: «Deus jamais desprezará um coração contrito e humilhado». As almas inocentes — precisamente porque são inocentes — adivinham por instinto essas disposições amorosas do Nosso Pai que está no Céu. Lembremos as palavras admiráveis de Santa Teresinha do Menino Jesus: «Ainda que me pesassem na consciência os crimes todos que se podem cometer, iria, com o coração partido de dor e arrependimento, lançar-me nos braços do meu Salvador... sei até onde posso contar com o seu amor e a sua misericórdia».

Sentimentos assim obtêm tudo da divina Bondade. Se a iniquidade nos tivesse tingido da cor do carmesim ou da púrpura, para empregar as expressões do profeta Isaías, tornar-nos-íamos brancos como a neve. Num instante, o pecado submerge-se e desaparece no oceano infinito da divina Misericórdia, e isso ainda antes da absolvição sacramental, contanto que haja o desejo de se acusar lealmente numa próxima confissão.

Terão os fiéis uma ideia clara do que é a *contrição perfeita*, que a Virgem Santíssima nos veio lembrar à Fátima? Porque é disso que realmente se trata.

Julgamos que serão de grande utilidade alguns esclarecimentos sobre este ponto. O perdão que os três Pastorinhos pediam tão instantaneamente para os que não o pedem, chegou o tempo de nós o pedirmos e alcançarmos, porque um *Coração misericordioso de Mãe no-lo mostra e no-lo apresenta sempre ao nosso alcance*.

Esta palavra de *contrição perfeita* não devia, na verdade, despertar no nosso espírito a ideia de que é uma coisa inatingível, reservada só para um pequeno número de privilegiados. Falaremos dela a seguir.

FR. ESTANISLAU, O. F. M. CAP.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

Mais vale prevenir do que remediar . . .

No jornal da Associação Médica Americana, um esclarecido articulista referia que, nos Estados Unidos, no ano de 1954, sofreram acidentes de viação 1.500.000 pessoas, das quais 100.000 ficaram permanentemente inabilitadas, e mortas 38.000, números que realmente nos impressionam comparados com a mortalidade por doenças graves e contagiosas, como a paralisia infantil e a tuberculose. Como muito bem diz tal autor, nem os médicos nem a nação podem ficar indiferentes a um factor etiológico que rouba por ano à comunidade 38.000 dos seus membros. Assim como uma epidemia exige para seu combate as mais drásticas medidas governativas e a mais larga campanha de esclarecimentos sobre os métodos de a circunscrever, assim também sucede com os desastres de viação, mais ainda por o trânsito nas estradas e nas ruas tender a intensificar-se dia a dia.

O problema tem entre nós o mesmo interesse. Basta analisar o noticiário quotidiano dos nossos periódicos, por mais eloquente, e observar a maneira como se comportam alguns condutores de ligeiros e pesados, muitos ciclistas e peões, por cuja mente não passa por certo a perspectiva do desastre, ou que, conscientes dessa possibilidade, a julgam apenas apanágio dos seus semelhantes, atribuindo-se, deste modo, perigosíssima imunidade.

Ora, independentemente de factores resultantes do estado das estradas (humidade, visibilidade reduzida, mau pavimento, traçado defeituoso, sinalização insuficiente ou confusa, etc), ou dos próprios veículos, mesmo quando vistoriados e afinados, e que a prudência e a pericia dos condutores devem, na maioria dos casos, anular, verifica-se que a quase totalidade dos acidentes é o fruto do atropelo da legislação vigente, por ignorância, imprevidência, falta de civismo e de respeito pelos direitos e bem estar alheios.

Que se impõe, pois, realizar a título

profilático? Em primeiro lugar, esclarecer amplamente o público (peões, ciclistas, condutores de carros e caminhetas) sobre as disposições legais e a necessidade absoluta do seu cumprimento, torná-lo cónscio dos seus deveres que se resumem muito simplesmente nisto: educação, gentileza, sentimento do perigo e noção da responsabilidade. Depois, o máximo rigor na verificação da observância dos preceitos legais, exercido sobre todos, pois a todos pode caber a culpa, mesmo ao peão desleixado (e por vezes insolente), esquecido de que a viação motorizada existe para permitir comunicações rápidas, cómodas e seguras, incompatíveis com as demoras, paragens e sobressaltos que a sua imprevidência, ignorância ou mau propósito, tantas vezes ocasionam.

E que dizer do perigo a que se sujeitam, e a que expõem os viajantes, as crianças que, entregues a si mesmas e ao seu Anjo da Guarda, brincam inconscientes e descuidadas, nas estradas e nas ruas, ou saem em correria e sem olhar, dum casa ou dum portal? É mal pior de remediar: as condições de meio e as necessidades impedem muitas vezes que se exerça o cuidado e a vigilância das mães. Mas também, neste pormenor, o desmazelo, a ignorância e a falta de orientação exercem papel preponderante. Não seria de todo impossível, por exemplo, fazer com que as crianças maiorzinhas, em vez de, em atitudes deselegantes, se deitarem na estrada e correrem atrás dos carros e se dependurarem deles, procurassem afastar das faixas de rolagem as outras mais pequeninas e se preocupassem galhardamente com a sua protecção e segurança.

Termino sublinhando quão inestimável seria o auxílio que nesta obra educativa e profilática pudessem prestar os catequistas e professores e todos aqueles a quem Deus entregou a sublime tarefa de ensinar.

Abel Sampaio Tavares

FESTAS MARIANAS

Não há calendário litúrgico com tantas festas marianas como o russo. A *Ordo* da Igreja Russa, regista mais de 293 festas marianas, comemorando a Santíssima Virgem sob vários títulos e sagradas ícones, veneradas por toda a Rússia. Se uma determinada igreja não estiver sob o título indicado no calendário, a festa não se celebra com Ofício festivo, mas comemora-se com a «tropar» (collecta).

O antigo costume russo era dedicar cada dia do ano a Nossa Senhora sob um dos seus célebres títulos. Este costume, com o andar do tempo, foi caindo no esquecimento. O actual Patriarca de Moscou reintroduziu essa prática, de modo que o Novo Calendário Oficial da Igreja Russa, impresso em Moscou em 1952, assinala para cada dia do ano uma ou mais festas da Santíssima Virgem.

Na prática, o Ofício Divino e Litúrgico são essencialmente marianos. E ainda mais: a nova *Ordo*, sobrepondo-se ao antigo direito, acrescenta que «as festas da Santíssima Virgem assinaladas para cada dia do ano, hão-de ser celebradas, ainda que nesse dia haja uma festa de Classe».

AS PRINCIPAIS FESTAS

Festa da Pokrov Presviatya Bogoroditza. A Festa da Protecção da Mãe de Deus, ao lado da Anunciação e da Assunção, é a principal e a mais cara ao povo russo.

A Festa da Protecção da Mãe de Deus celebra-se no dia 1 de Outubro. É uma festa mariana tipicamente russa. Originalmente foi festa grega e comemora a aparição de Nossa Senhora a Santo André e a seu discípulo Epifânio, em Constantinopla. Ao entrarem certa noite na igreja, viram eles Nossa Senhora a rezar e a chorar. A Santíssima Virgem, erguendo-se, abriu o seu manto sobre a grande multidão ali presente. O milagre repetiu-se muitas vezes na mesma igreja e o povo chamou-lhe por isso «o milagre habitual».

Depois da queda de Constantinopla, a festa desapareceu do Calendário da Igreja Grega, e celebra-se com solenidade apenas a Igreja Russa e aqueles que usam o mesmo cerimonial: os ucranianos os carpo-russos e outros eslavos.

A Festa da Anunciação, foi uma festa nacional na Rússia czarista, com supressão de todas as actividades públicas e a comparticipação dos homens do governo. Nesse dia era costume, depois das solenidades e da Santa Missa, dar às crianças gaiolas com passarinhos. As crianças, numa cerimónia tão simples como encantadora, abriam as gaiolas e libertavam as avezinhas. O simbolismo era este: os homens estão de hoje em diante livres do pecado de Adão, porque a Virgem Santíssima aceitou a missão de tornar-se Mãe de Deus.

Havia também outro simbolismo: a libertação dos pássaros significava as orações do povo, que subiam ao trono de Maria, em homenagem e agradecimento dos seus filhos da terra.

A Festa da Assunção celebra-se com muita solenidade. A imagem da Santíssima Virgem é envolvida num rico akafist (pano bordado) e levada em procissão. Depositam-na em seguida num túmulo ricamente preparado, numa igreja ornada com profusão de círios e de flores. Na véspera da festa, antes de terminar o Ofício matinal, o sacerdote toma a imagem envolvida no akafist e leva-a através da igreja, para simbolizar a gloriosa Assunção da Santíssima Virgem ao Céu.

A festa da Assunção é precedida de duas semanas de jejum em honra de Maria. Além disso, é de notar que todas as quartas-feiras do ano são dias de abstinência, em honra de Maria.

São ainda Festas maiores no Rito Russo-Bizantino: A Natividade de Nossa Senhora: 8 de Setembro; a Apresentação de Maria no Templo: 21 de Novembro; a Purificação de Nossa Senhora: 2 de Fevereiro. Todas estas festas são pre-

pelo Padre Luís Gusmão, S. V. D.

cedidas de vigília e esta é celebrada com «Vsenochnoye Bdeniye», isto é, vigília total que se prolonga por toda a noite.

Veneração muito particular têm os russos a Nossa Senhora das Dores, cuja festa se celebra várias vezes ao ano, sob vários títulos. Em 17 de Abril, celebra-se a festa das «Lágrimas da Mãe de Deus». Na semana da Páscoa, celebra-se a ícone «Sladkoye Lobsaniye» que representa Nossa Senhora de pé entre dois Anjos, que Lhe apresentam toalhas para limpar as lágrimas.

Em 2 de Julho celebra-se a festa de Nossa Senhora de Achtirkije (ícone da catedral de Achtirkije da Karkovia), que representa Nossa Senhora a chorar com Cristo nos braços.

Das ícones de Nossa Senhora das Dores a mais conhecida e a mais popular é a «Strashaya Bogoroditza» (Nossa Senhora da Paixão), cuja festa se celebra no sexto domingo depois da Páscoa e pela segunda vez em 13 de Agosto. Essa ícone foi encontrada na cidade de Nijni-Novgorod e aí conservada até 1641, quando o Czar Alexis Mihailovich a levou para Moscou e mais tarde a colocou no Mosteiro Strashoj. Nossa Senhora da Paixão é uma pintura semelhante à de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

ÍCONES FAMOSAS

A Ícone chamada Nossa Senhora «A Libertadora» é a famosa «Bogoroditza Kazanskaya» (Nossa Senhora de Kazan), a Protectora dos Cossacos do Volga. Os cossacos levavam-na sempre para o campo de batalha e a ela atribuíam as suas vitórias; daí o título de «Libertadora».

Em 1579 um terrível incêndio destruiu a maior parte de cidade de Kazan. O seu Santuário foi destruído. A sagrada ícone desapareceu entre ruínas. A Santíssima Virgem, numa aparição a uma criança de 10 anos, fez saber ao povo que a sua ícone estava intacta e mostrou o lugar onde ela se encontrava no meio das ruínas.

Ivã o Terrível construiu um convento no lugar onde a imagem fora encontrada e aí colocou a sagrada ícone.

O Czar Teodor Ivanovich transferiu-a para a nova Catedral da Assunção, em Kazan, que ele construiu. Pedro o Grande mandou fazer uma cópia dessa ícone para a Catedral de Nossa Senhora de S. Petersburgo, a nova capital.

Em 1812, depois da derrota de Napoleão, o Marechal Kutusov levou todos os troféus da retirada napoleónica ao Santuário de Kazan e aí os ofereceu a Nossa Senhora, em acção de graças.

A *Vladimirskaia Bogoroditza*, como diz a tradição russa, foi pintada por S. Lucas. Até 1919, esteve no Kremlin, na catedral czarista da Assunção. A ícone era um presente feito pelo Patriarca de Constantinopla ao Príncipe Jorge Dolgoruki (1125 - 1130). O Príncipe colocou-a num Mosteiro em Kiev. O Príncipe Andrej Bogolinsky insistiu em que ela o acompanhasse em suas campanhas militares contra os tártaros e atribuiu à sua intercessão os sucessos obtidos. Transferiu a ícone para a cidade de Vladimir, de onde o nome de *Vladimirskaia*. Mais tarde foi solenemente transferida para Moscou. Era diante dela que os Czars russos recebiam a coroação.

(CONTINUA)

Serviço Religioso na Basílica

Domingos e dias de preceito

1.ª missa às 7 horas

2.ª » às 8/30 hs.

3.ª » às 10 horas

4.ª » às 12 horas

Terço e bênção 18 horas

Dias de Semana

1.ª missa às 7,30 h.

2.ª » às 8,15 h.

Terço e Bênção 18 horas